

Geisler sobre Clark

Lucas Grassi Freire¹

O dr. Norman Geisler é autor de uma obra amplamente difundida sobre apologética cristã. Sem querer desmerecer sua contribuição como estudioso cristão preocupado com a defesa da fé, o presente comentário responde a algumas de suas colocações pouco hermeneuticamente caridosas em relação ao pensamento de Gordon Clark. Argumenta-se que a adesão de Geisler a certos princípios da teologia natural, à semelhança de muitos romanistas, mas também de muitos evangélicos, prejudica seu sistema apologético. No caso, o foco recai somente sobre sua visão acerca de sistemas de característica pressuposicional e, mais diretamente, da argumentação desenvolvida por Clark.

Como se sabe, Clark é conhecido, dentre outros feitos, por ter proposto um “racionalismo cristão” que parte do pressuposto de ser a Escritura a palavra de Deus auto-confirmada como tal para, em seguida, estabelecer proposições deduzidas desse fundamento básico. O conhecimento que viria a partir dessas deduções seria certo, caso nenhum erro de lógica fosse cometido.² Note-se que Clark, antes de estabelecer seu projeto apologético positivo, buscou refutar importantes sistemas alternativos “humanistas” e mesmo “cristãos”. Segundo ele, sistemas racionalistas humanistas carecem de uma fundação última que se auto-confirma como fundação última. O ponto de partida de certos sistemas “cristãos” como, por exemplo, a teologia natural dos romanistas medievais não se auto-confirma. Esse ponto de partida, pelo contrário, seria a razão autônoma comum a cristãos e não-cristãos. Nesse caso, esse sistema natural de teologia possui características muito aproximadas do racionalismo humanista. Clark procurou refutar as principais demonstrações “naturais” da existência de Deus no intuito de mostrar como os sistemas naturalistas – “cristãos” ou não – já excluem desde o princípio a possibilidade da existência de Deus tal como descrito na Escritura, ou então, para mostrar sua fraqueza do ponto de vista formal. Clark também mostrou falhas formais e práticas em diversas manifestações de empirismo na história da filosofia.³ Tudo isso o levou a rejeitar esses sistemas problemáticos em favor de um pensamento pressuposicional que, desde o começo, já incluisse a

¹ Agradeço a Felipe Sabino pelo auxílio prestado na formatação deste texto.

² Entre outras, veja as seguintes obras de Gordon H. Clark, todas publicadas pela The Trinity Foundation: *Religion, Reason and Revelation, An Introduction to Christian Philosophy, The Christian View of Man and Things, Logic e Lord God of Truth*. Ver também *The Philosophy of Gordon Clark*, editado por Ronald Nash, e *The Scripturalism of Gordon H. Clark*, de W. Gary Crampton.

³ Ver Gordon H. Clark, *Thales to Dewey*.

possibilidade da existência de Deus tal como conhecido através da Escritura.⁴

Na sua *Enciclopédia Apologética* (p. 180), Geisler diz:

“A rejeição das provas teístas por parte de Clark não foi melhor que a de seus mentores agnósticos Hume e Kant. A apologética de Clark oferece um racionalismo estranho. Primeiro ele defendeu os cétricos nos seus argumentos contra Deus, e depois argumentou a necessidade de defender Deus racionalmente pelo pressuposicionalismo. Teria sido mais simples usar argumentos clássicos desde o princípio”.

e conclui:

“...O método apologético de Clark fracassa em ser um teste positivo abrangente da verdade do cristianismo”.

Geisler comete erros formais.

1. Geisler supõe que os “mentores” de Clark sejam Hume e Kant. Clark não pode ser empirista (Hume) e racionalista (Kant) ao mesmo tempo e na mesma relação. Assim, “mentores” deve significar outra coisa que Geisler não define.

2. O “racionalismo estranho”. Geisler parece assumir que só há um tipo de racionalismo. Somente com esse pressuposto ele sustenta sua afirmação.

a) Defender cétricos nos argumentos contra Deus e argumentar a necessidade de defender Deus racionalmente de outro jeito, pelo argumento de Geisler, é um racionalismo estranho. Geisler não pode estar apontando contradição em Clark porque todo o ponto de Clark é (i) usar um tipo de racionalismo¹ (“humanista”) para mostrar que ele não chega a uma conclusão teísta e (ii) propor outro tipo de racionalismo² (“cristão”) para mostrar como se chega a um sistema fechado teísta.

(i) Ele quer mostrar que argumentos pelo racionalismo¹ são problemáticos se jogados contra seus próprios pressupostos;

(ii) Ele quer mostrar que, por outro lado, o

⁴ Ver *The Scripturalism of Gordon H. Clark*, de W. Gary Crampton.

racionalismo² é mais satisfatório do ponto de vista apologético.

b) Geisler precisa necessariamente supor uma equivalência qualitativa entre racionalismo¹ e racionalismo² para corresponder “contraditório” ao termo “estranho” que ele usa. Ora, (i) um exame da proposta de Clark⁵ anula essa tentativa; (ii) isso não está explícito na porção citada de Geisler. De modo que outro sentido deva ser buscado para a proposição do autor. Excluindo-se a possibilidade de “contraditório” para substituir o termo “estranho”, não me ocorre nada mais que faça a acusação de “racionalismo estranho” fazer sentido.

3. “Mais simples usar argumentos clássicos desde o princípio” - Geisler também não explicita o que quer dizer com “simples”.

a) “Simples” pode significar “mais efetivo”. O ônus de prova está com ele, no caso. Isso porque todo o projeto negativo de Clark consiste justamente em criticar o racionalismo¹ (o “humanista”) com base em seus próprios pressupostos. Mas no sistema de Clark, racionalismo¹ contém “argumentos clássicos”. Assim, por substituição, o projeto negativo de Clark é de justamente criticar os “argumentos clássicos” segundo o próprio Geisler admite. Mas Geisler precisa, se quer dizer que o método clássico é “mais efetivo”, refutar a refutação de Clark.

b) “Simples” como “fácil”. No caso, tudo se torna uma espécie de especulação, visto que, se Clark tivesse usado argumentos clássicos desde o começo ele logo de início excluiria todo seu argumento pressuposicional que justamente exclui os argumentos clássicos por sua vez. Seria algo do gênero: “seria mais fácil se Clark não fosse Clark. Aí, ele não seria Clark”. Se o “fácil” significar, por outro lado, somente algo do tipo “daria menos esforço”, então, sim, daria menos trabalho para argumentar classicamente, pois é a linguagem que a “filosofia apóstata”, partindo de sínteses entre cristianismo e não-cristianismo, usa. Isso seria rejeitado por anti-sínteses iluministas e posteriores, por um lado; e por anti-sínteses reformadas,

⁵ Cf. referências de Clark acima.

por outro.⁶ (Esta resposta, todavia, é um argumento externo e deve ter seu peso reduzido).

Portanto: Geisler oferece três proposições cujo significado carece de demonstração ou de esclarecimento. Enquanto ele permanece com o ônus da prova, suas proposições sequer existem por serem sem sentido. O erro formal esvazia sua crítica.

Por outro lado, um argumento clarkiano: Geisler porta nesse comentário uma visão de mundo (racionalismo¹) que, desde o começo, exclui a possibilidade de Clark estar certo, para chegar à conclusão de que ele não está certo. Isso é um círculo vicioso.

⁶ Cf. Vollenhoven, *Introduction to Philosophy* (Sioux Center: Dordt Press, 2005). Kok, *Patterns of the Western Mind* (Sioux Center: Dordt Press, 1998).